

O BINOCULO.



INTRODUÇÃO.

Hoje que a mocidade emprega as suas horas de repouso no cultivo das letras, hoje que cada qual procura na litteratura um passatempo util e agradável, colhendo da pratica a critica e da critica o aproveitamento, tambem nós nos animamos a assestar o nosso *Binoculo*, para escolher d'entre as flôres viçosas que ornão o jardim da litteratura amena, bellas paginas para offerecer-mos ás nossas sympathicas e amaveis leitoras e attenciosos leitores.

Sem pretensões, sem recommendação e sem nome, vai este album pedir aos seus assignantes indulgencia, aos seus collaboradores protecção, e se pela boa vontade puder um dia ver compensados os seus desejos, orgulhoso entoará seu cantico de agradecimento.

Dedica as suas paginas á mocidade estudiosa: deseja-a no seu gremio, por que della precisa como um balsamo vivificante; como de um bordão amigo que o ampare quando prestes a despenhar-se.

Começa modesto e simples, porque quer viver muita vida, e ver realisados os sonhos ideacs que phantasia.

Apparece pois hoje o 1º fructo da perseverança de tres moços, que aspirão ao desenvolvimento das letras patrias, d'onde provem o engradecimento das nações.

Se n'essas pallidas paginas se não traduz o desejo que anima a redacção, appellamos para o futuro; elle fallará por nós e nos justificará da immensa vontade que nos anima. Faremos quanto couber em nossas forças para que cada numero seja um ramalhete que possamos sem escrúpulo offerecer aos nossos protectores.



daçando-se raivosos n'esses escolhos sem fim: por onde o meu corpo tantas vezes tem rolado, fosse em mar sereno de rósas, — onde as vagas não assustão, cede a tempestade por mais forte não agita seu brando rumorejar e onde as ondas quebrão-se suspirosas, deslisando-se mansamente por essas brancas praias, recamadas de mimosas conchas, assim como dos teus lábios virgens partem doces sorrisos. — descansar este corpo fatigado por tantas insomnias n'esse leito de venturas; ondeahi, te visse formando uma corôa tecida por teus nevados dedos, para em recompensa ornares a fronte do martyr dos teus amôres!

Céos, onde vai o pensamento!... Se no meio de tão doces visões ouço uma voz desconhecida bradar aos meus ouvidos:

« A virgem com quem sonhas não te poderá pertencer!... »

E n'essa hora, Dolôres, para fazer de uma vez calar no meu peito tanta dôr, eu peço a morte, porque ella, só ella será o balsamo das minhas desventuras!

A vida! e de que me serve a vida sem a luz divina dos teus negros olhos que scintillão formosos como a estrella da tarde ao descambar da noite? Sem o doce contacto dos meus grosseiros lábios nas tuas assetinadas faces de virgem? Sem te poder apertar contra meu seio, e no palpitar do coração offegante te dizer jubiloso: — eu te amo! — Sem estes encantos de que serve a vida?

Viver sem que me ames, sem què me possas pertencer, eu quero mil vezes a morte; porque assim tudo emmudecerá, porque então o meu corpo a par dos desmaiados cyrios, d'essa amortecida luz que bruxulêar triste o negro feretro que guardar meus restos, já pallidos pela modorra da morte; talvez então te dignes piedosa lançar sobre elle um olhar de compaixão, embora não de amôr, deixando escapar de teus vivos olhos uma lagrima furtiva de dôr, que, rolando sobre o meu cadaver, com elle desça á sepultura!

Março de 1862.

FREDERICO REINALDO.



LEMBRA-TE.

A E'.

*Apoz dias de amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.*

SOARES DE PASSOS.

*.....Farewell!...
Forget me not!...*

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

Unidas ambas nossas almas meigas
Vagarão sob a cupola do céu,
Que tu geraste n'um sorrir bondoso,
Ave, que o ninho, tens no peito meu!

Lembra-te sempre d'esses dias puros,
De luz tão cheios... cheios de fulgor!
Quando a voz solitaria da harmonia
Junto a nós soluçava um terno amor!...

Lembra-te sempre d'essas horas brancas
Em que tu m'emballavas na esperança!
Quando o suspiro de meu peito ardente,
Encontrava em teu rir — sempre bonança!..

Tu partes... foges... a chorar de certo,
Eu fico mudo de pezar tranzido....
Nas longas noites de saudade infinda....
Ha de alentar-me o teu lembrar querido!

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

ALPHONSE OHLITSAC



PÁGINAS INTIMAS.

I

QUANDO ?...

Desejos sempre vãos !.... reaes, só dôres !

(A. F. de CASTILHO).

Dolôres, quando te poderei chamar só minha ?...

Quando poderei junto a ti respirar o teu halito perfumado, partido d'esse teu peito virgem, d'essa hydria toda de perfumes ?!

Quando, assentado a teu lado te ouvirei cantar cantos divinos, admirando ahi teus dedinhos voarem traquinos no teclado do piano, como nas flôres vòa o colibri ?...

Quando no albor da aurora, sahiremos ambos a passeio por estas campinas delectosas, onde as boninas dezabrochão bellas, embalsamando a aura que as affaga, perfumando a atmosphaera que as vigora; onde as mimosas borboletas de mil côres vão segredar às flôres seus mysticos amôres, matizando as lindas veigas com o bello colorido de suas douradas azas; ouvindo o doce chilrar dos passarinhos que suspensos nas bordas de seus ninhos, entôão hymnos festivaes em louvores á brisa que os baloiça; e no mimoso tapiz da verde relva te verei reclinár em meu grosseiro collo, a tua virginal fronte divina ?!

Quando, nessas bellas tardes de verão, em que o sol com seus desmaios fôr descambando para o occaso, te levarei pelo braço para veres a poetica ribeira que se desdobra rapida por entre os delicados seixinhos, e que, no remanço de suas aguas vem beijar os brancos lyrios que pendem solitarios sobre ella; e ahi, *quando* ! como ella beija os brancos lyrios, eu poderei beijar tambem as tuas divinaes faces-de virgem ?

Quando n'essas noites d'almo luar, em que a lua se ostenta formosa, envolta em seu lindo manto marchetado de brilhantes estrellas, no azul do céu, te levarei junto a meu lado com as tuas vestes brancas,

e no deleite das graças, com tuas negras madeixas soltas em teus hombros de neve a estas sombrias florestas, onde n'um leito de moles e cheirosas flôres, descansarei a minha fronte de martyr sobre o teu collo de virginal pureza; e, embalado por teu canto que é mais bello que os de todos os anjos, possa dormir um pouco ao som de tantas harmonias?....

Quando, ambos á beira do poetico regato, te ouvirei dizer baixinho ao som d'agua que corre semnolenta; — *Eu te amo!*... *quando?*....

— Quando as flôres da vida marcharem
Sem que eu possa jámais ter prazer?

— Quando os risos p'ra mim forem dôres,
Quando eu preste estiver a morrer?

— Quando a pelle se fôr enrugando
E o preto cabello alvejar?

— Quando eu velho, curvado dos annos,
A velhice me prive de andar?

— Quando a luz dos meus olhos fôr baça
Como a fraca candeia sem luz?

— Quando eu viva pensando na morte
C'o o rosario bem junto da cruz?

— Quando o meu coração fôr envolto
De uma vez no sudario de gelo;
E que o peito sem doce sentelha
Possa ao menos um'hora aquecê-lo?

Não! porque n'essa idade o peito é fraco para conter em si um amor tão forte!....

Mas, se estes lindos sonhos replectos de tantas esperanças cêdo me viessem mostrar a sua realidade, arrancando-me d'esse mar tempestuoso da vida, onde minh'alma naufraga de continuo sobre esses rochedos de infortunios; meu peito, Dolôres, soltaria um brado tão forte semelhante ao bramir da tempestade, porque medroso fugiria, abandonando o fragor sanhúdo de medonhos vagalhões, que, espe-

daçando-se raivosos n'esses escolhos sem fim; por onde o meu corpo tantas vezes tem rolado, fosse em mar sereno de rosas, — onde as vagas não assustão, cede a tempestade por mais forte não agita seu brando rumorejar e onde as ondas quebrão-se suspirosas, deslizando-se mansamente por essas brancas praias, recamadas de mimosas conchas, assim como dos teus labios virgens partem doces sorrisos, descansar este corpo fatigado por tantas insomnias n'esse leito de venturas; onde ali, te visse formando uma corôa tecida por teus nevados dedos, para em recompensa ornares a fronte do martyr dos teus amôres!

Céos, onde vai o pensamento!... Se no meio de tão doces visões ouço uma voz desconhecida bradar aos meus ouvidos:

« A virgem com quem sonhas não te poderá pertencer!... »

E n'essa hora, Dolôres, para fazer de uma vez calar no meu peito tanta dôr, eu peço a morte, porque ella, só ella será o balsamo das minhas desventuras!

A vida! e de que me serve a vida sem a luz divina dos teus negros olhos que scintillão formosos como a estrella da tarde ao descambar da noite? Sem o doce contacto dos meus grosseiros labios nas tuas assetinadas faces de virgem? Sem te poder apertar contra meu seio, e no palpitar do coração offegante te dizer jubiloso: — eu te amo! — Sem estes encantos de que serve a vida?

Viver sem que me ames, sem què me possas pertencer, eu quero mil vezes a morte; porque assim tudo emmudecerá, porque então o meu corpo a par dos desmaiados cyrios, d'essa amortecida luz que bruxulêar triste o negro feretro que guardar meus restos, já pallidos pela modorra da morte; talvez então te dignes piedosa lançar sobre elle um olhar de compaixão, embora não de amôr, deixando escapar de teus vivos olhos uma lagrima furtiva de dôr, que, rolando sobre o meu cadaver, com elle desça á sepultura!

Março de 1862.

FREDERICO REINALDO.



LEMBRA-TE.

A E'.

*Apoz dias de amargo tormenta
Virão dias mais bellos talvez.*

SÓARES DE PASSOS.

*.....Farewell!...
Forget me not!...*

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

Unidas ambas nossas almas meigas
Vagarão sob a cúpula do céu,
Que tu geraste n'um sorrir bondoso,
Ave, que o ninho, tens no peito meu!

Lembra-te sempre d'esses dias puros,
De luz tão cheios... cheios de fulgor!
Quando a voz solitaria da harmonia
Junto a nós soluçava um terno amor!...

Lembra-te sempre d'essas horas brancas
Em que tu m'emballavas na esperança!
Quando o suspiro de meu peito ardente,
Encontrava em teu rir — sempre bonança!..

Tu partes... foges... a chorar de certo,
Eu fico mudo de pezar tranzido....
Nas longas noites de saudade infinda....
Ha de alentar-me o teu lembrar querido!

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

ALPHONSE OHLITSAC.



A AUGUSTA.

Em teu caminho tropeçaste — agora !
 Cala esse pranto, minha pobre flor .
 Cabida mesmo — tropeçando embora,
 Conserva a alma um ultimo pudor.

Deve ser grande esse martyrio lento...
 Já nos espinhos a minha alma puz ;
 Sou como um Cyreneu do soffrimento ;
 Deixa-me ao menos carregar-te a cruz.

Eu sei medir as lagrimas vertidas
 Na sombra e só sem uma mão sequer !
 Vês tu as minhas palpebras doridas ?
 Tem chorado talvez por ti, mulher !

E' fraquesa chorar ? chorei contigo ;
 Que a mesma nos banhou de luz
 Como em mim um pesar profundo e antigo
 No fallar d'essa fronte se traduz !

Sei como custa desfolhar um riso
 Em face ás turbas que o senti por mim,
 Vêr o inferno e fallar do paraíso,
 Sentir os golpes e abraçar Caim !

Chorei, que prantos ! Promotheu a tado
 Ao rochedo da vida e sem porvir !
 Poeta n'este seculo infamado
 Que mata as almas e condemna a rir.

Cancei, perdi aquella fé robusta
 Que como a ti, nos sonhos me sorriu ;
 Na identidade do calvario, Augusta
 Bem vês como o destino nos mediu !

Ergue-te pois ! A redempção agora
 Dá-te mais viço, minha pobre flôr !
 Se tropeçaste no caminho embora !
 Na tua queda é-te bordão — o amor !

REVISTA THEATRAL.

Cançado deixára eu a penna que outr'ora, em dias de *Esperança*, e de vida, fôra sempre minha companheira fiel e inseparavel: e hoje que de novo d'ella preciso, vou encontral-a em um escaninho de larga gaveta; mas já velha, enferrujada e quasi perdida: minha pobre penna! tu que n'essa epocha de tanto me serviste, tu que não soubeste ser parcial, não me abandones agora que tanto de ti careço.

E tu, leitor, encantadora e amavel leitora, sê indulgente e perdôai-me: se a minha penna já estava fóra do combate!.....

Bem; tomemos o nosso posto: deixemos a individualidade e revestido de uma couraça impenetrante, ponham'o-nos a caminho.

Entremos em S. Pedro. A festa é brilhante: o concurso immenso: — tem lugar a installação do *Jury Dramatico*, com a assistencia de S. M. o Imperador. E' mais um serviço relevante que o seu distincto filho, esse astro da scena brasileira, o Sr. João Caetano dos Santos, presta ao seu paiz. Necessaria instituição! Assim ficaremos livres d'esse sem numero de analphabetos a quem sorriu em sua mente a carreira de artista dramático, e que abraçarão, sem conhecimento, sem intelligencia, sem nenhum dos muitos predicados que são precisos para se ser artista: não veremos bonitos trechos de excellentes authores, estropiados na boca de parodiadores do portuguez, que se fizeram artista por que não gostarão do covado, nem da vara.

Honra pois ao fundador e a quem com a sua augusta presença sancionou tão bonita idéa.

Rica de espectaculos foi a semana: — A 18 teve lugar no *Lyrice* o beneficio de Arthur Napoleão, coadjuvado pela companhia do *Atheneu Dramatico*, que representou — *Os Intimos* — traducção do Sr. De la-Peña. A enchente foi real na platêa; mas nem por isso muito grande em camarotes. O beneficiado prehencheu perfeitamente a noite tocando admiraveis trechos de sua composição.

Ao mesmo tempo e á mesma hora representavam-se no theatro de S. Theresæ em Nictheroy — *Os nossos Intimos* — traducção do Sr. Lessa Paranhos, em que o Sr. João Caetano desempenhou com maestria o papel do Dr. Tholosan apesar do seu meliandroso estado de saude, em obsequio ao presidente da provincia. Correu em geral

muito bem, mesmo apesar do medo com que os artistas estavam de perder a barca que os devia conduzir à cidade.

A 19 subiu á scena em S. Pedro o drama — *Virtude e Vicio* — em sua segunda representação e beneficio dos authores, os Srs. Joaquim Silverio dos Reis Montenegro e Antonio Francisco Duarte. E' uma composição de espirito que no entanto tem seus erros, como todas, de maior ou menor quilate. Reservro uma ou duas paginas do numero seguinte para julgar devidamente este drama, emittindo sobre elle a minha opinião.

Quanto ao desempenho, não gostei: quem viu este mesmo drama no dia 7 aqui, e a 8 em Nietheroy, desconheceu-o na sua repetição.

A Sra. D. Ludovina, não se recordava bem do seu papel, o que mais para admirar é, porque nunca tal succede.

O Sr. Leal estava frio, gelado mesmo: disse o seu papel; mas como por demais. Tenha paciencia: se a penna o ferè é porque é velha e tudo quanto é velho, é rabujento e impertinente; mas por que não interpretou o triste *Julio* como nas duas primeiras noites? Sr. Leal, Sr. Leal, veja que os louvores de artista, são bellos, mas que custam a ganhar; é preciso muita vontade, muita perseverança, muito estudo para poder fazer alguma cousa: a não ser assim, nada fará.

Fico portanto á sua espera até ao dia do seu beneficio que se annuncia para 26 na Praia Grande.

Hontem, 20, devia ter lugar a primeira representação dos — *Tafues de Paris* — em beneficio da actriz Antonina Marquelou; mas a sua repentina molestia, obrigou-a a transferil-o, Deos sabe para quando.

O pouco tempo que me dão, e o ainda menor espaço que reservarão para a Revista, não permite entrar em mais minuciosos detalhes: fal-o-hei para a semana, e se me conheceis da *Esperança*, tende fé, e confiança no

JORGE LILLO.



SEGREDOS D'ALMA

SAUDADE

A E.^{***}

Como são povoadas de misterios e dôres tuas pobres vestes, flôr!?

Como és infeliz!

Nesse campo onde nasceste, onde vive a innocencia, companheira inseparavel da virtude, ha tambem quem soffra como tu!

No meio da fragancia das campinas, do odôr dos valles estrellados de agrestes plantas, tambem ha dôres.

Ainda ali, onde de quando em quando se ouve o echo da voz do rouxinol insomnio tambem se cria o *martyrio*.

Os *suspiros* que te enredam, não te apagaram as *chagas* feitas pelos *cravos da ausencia*?

Como tu choras!!

Essas lagrimas que vertes, são a recordação do passado, são a lembrança de horas felizes que gozaste em doce enleio com a tua pobre *madre-silva*?

Quem me dera ver-te então!

Como estarias bella, erguendo altiva esse collo todo esperanza, todo fé! Tu que és um doce amargo que de-leita e contrista! tu, esse sentimento mixto de prazer e de dôr que nos encanta e penalisa! Como estarias bella! — Saudade!... Saudade!... que mil scenas de felicidade e de tormento me não recordas ao pronunciar-te!

Como é suave este nome — *Saudade!!*... — este nome que só articula o portuguez com fé bem pura.

Saudade!... recordação de ledas horas de prazer.

Saudade !... reminiscencia do mais ardente beijo de amor, que os esposos ataram no leito nupcial.

Saudade !... lembrança amarga, dôce agro, quando nos recorda a perda da pessoa que mais se amou no mundo.

Saudade !.... como és infinita para os que infinitamente amaram !

Flôr, como te vergas ao peso da dôr que infundes, aos que te decepam pelo pé e te alvergam em seu coração !

Como tu soffres e como te resignas !

Tu és, saudade, a flôr que mais simbolisa a dôr ! tu és aquella que constantemente meu peito abriga, no centro de seus maiores prazeres.

Como te quero, flôr simbolica !

Essa orla verde, côr de esperança, que te orna a fronte, é aquella que ainda o moribundo conserva no leito da morte — a que o condemnado, lá em cima desse deslouroso tablado, vê, na bandeira da infinita bondade do creador — a misericordia — aquella que o nauta inda conserva no fundo, bem no fundo do coração, quando hesitando, já sem leme e sem norte, com a procella e o vendaval — és ainda a mesma que o caminhante perdido vê em cada grão de arêa que vem açoutar-lhe a face, e em cada sopro da aragem, que lhe vem desatar os cabellos, e bafejar-lhe o semblante macerado pela dôr.

Essa côr tão roxa como a do lyrio, como nos fallia de uma ventura perdida, d'uma gloria manchada de fel do carrasco, d'uma alma preepitada no abismo da perdição, d'uma matricida lavada no sangue de sua innocente victima !

Como és misteriosa flôr !

E que te não possa eu deixar ! Como a mariposa deixa a flôr de que bebeu o doce nectár, como a folha deixa a

planta soprada pelo brando zephíro, como a onda deixa a concha, como a aurora dissipa as trevas !

Oh ! como é doce chorar quando se soffre ! !...

Choras também ?... sou feliz !

Quiz-te mal, muito mal ; inda mais do que ao crime. Agora que me comprehendeste, que soube avaliar a poesia de tuas folhas, e a tristeza de tuas vestes—não !

Olha as flôres que nos circundam, como se agrupam para vêr esse sorriso que agora desabrochaste e que te é tão raro !

Olha como folgam por te vêr assim !

Mas tu sentes ? soffres ? choras ? tu vacillas ? vais morrer ? porque ! ?... por piedade, dize, dize...

A saudade delinhou-se e em vez della outra flôr ali nasceu ; era a rosa, o lyrio, o myrto ?... não.

Era... o não me deixes !

ALPHONSE OHLITSAC.

PAGINAS INTIMAS

II

A VIRGEM DOS TEMPLOS

Deos ! dai-me um raio celeste da vossa luz divina e uma harpa gemedora para nella cantar um anjo puro, — vossa filha, Senhor !

Dai-me um estro grandiluco e corrente, uma lyra de sons harmoniosos onde dôce tangendo as cordas suas, o mundo me admire e os louros que sobre mim jogarem, na frente d'essa virgem vão pairar ! Dai-me, ella é o anjo

dos anjos, a mairrha santa que perfuma os vossos altares, a virgem que emanou dos céos para assombro da terra, que minha linguagem tosca, desconcertados sons de uma já quebrada lyra, gasta aos rudes cantos dessas noites de vigílias, não tem as harmonias de uma harpa que o céu me póde dar.

Erigi-lhe em meu peito um culto santo, para dôce receber-a no sacrario de minh'alma; mas vêde, de luz ella carece; dai-me pois o clarão de uma lampada fulgente, que bastante será para illumina-la.

Como é bella! Sim, mais bella que o branco lyrio debruçado á beira da lympba prateada que se desliza mansamente por entre as lindas conchinhas que a esmaltam; que o mimoso botão que em flôr se torna, onde tremulando nas suas verdes petalas as lagrimas do céu. Tão sublimado painel, imagem tão bem esculpida, obra tão perfeita de um Deos, só por Elle poderá ser retractada: que a mais dourada palheta contendo em si as mais lindas e variadas côres que possui a terra, não poderá de certo na mais fina têla, o mais elevado pincel conceber o desenho de tão sublime pintura.

Ella é dos templos o mais mimoso ornato.

Sua voz é mais suave de que os sons melodiosos de uma frauta, quebrados á mudez do deserto, mais pura do que as aguas de cascata que batem sonoras nas folhas perfumosas das mais odoríferas flôres e que espalhando-se pelas naves magestosas desses templos, vai cheia de doçura e harmonia, morrer aos pés de Deos!...

Altar das minhas crenças, idolo das minhas adorações, eu te amo! Sim, amo-te com esse amor puro que o mais extremo dos filhos offerece ao mais carinhoso dos pais, que o casto irmão consagra á innocente irmãsinha e que

a pudica donzella aos sonhos seus de virgem; amo-te como os anjinhos amão a Deos; como os passaros aos primeiros raios do sol, festejando-os com canticos alegres e como dos jardins amão as flôres o rocio matutino que as alenta, que as vivifica com o seu frescôr! Acolhe pois, em teu seu virginal, a pureza desse affecto, dando-lhe o mesmo abrigo que as magestosas e copadas arvores dão às aves que perdidas buscão nellas a mais prompta guarida: para que eu possa um dia, depois de haver quebrado as negras cadêas que me prendem, tomado por tamanha glória, cingir a minha e a tua fronte com a corôa da mais pura e sã virtude!

FREDERICO REINALDO

MORTE DO CORAÇÃO

Morrerás lentamente do coração abafando os gritos d'alma, como o abutre que em silencio devora as suas carnes!

Louco! procuras risos quando não encontras senão lagrimas nas tuas dôres! — procuras o céu quando o inferno se apresenta a teus olhos!

Viverás e morrerás como a flôr à beira do regato sem orvalho d'amor e sem alento de piedade!

Viverás só, como o proscripto sem patria! como o vulto do condemnado nos desertos do exilio!

Soffrerás lentamente do coração, até que a descrença fria e positiva venha abrigar-se em teu peito!

Vacilarás muito até que a sociedade no lodo infame da

corrupção se apresente a teus olhos descarnada e livida como o cadaver do leproso ; a cuspir-te na face e a escarnecer de ti.

E as gargalhadas da loucura suffocar-te-hão a voz !...

E então ! chorarás muito e... terás allivio ; porque doce é o pranto que o Senhor envia ao desgraçado !

Mas teu coração ficará placido e sosegado como as aguas do Mar Vermelho após a passagem dos peccadores !

E abençoarás as lagrimas que alliviarão o teu soffrer !

E bem dirás ao Senhor que te deu o chorar !

JULES MONTMARTIN.

DEFINIÇÕES

A mulher é a roseira de todo o anno.

A moça é um volume de muitas paginas com pouco texto, que para ter aceitação, deve ser *doré sur tranche*.

A velha é a raposa da fabula : para ella todas as uvas são verdes.

O casamento é um sabão vegetal que lava muitas no-
doas. — E' um leilão, que tem lugar — quer chova quer não — e em que se compra tudo no estado em que se acha.

O publico é a reunião de muitos tolos, formando um todo intelligente.

O homem é um titere com que se diverte o acaso.

O amor é um barco que nos conduz lentamente para o porto da morte.

As illusões são as andorinhas que fogem quando se aproxima o inverno da vida.

O *namoro* é uma escada, cujos dous primeiros degrãos são de difficil accesso. — *As namoradeiras* são como as caixinhas e bolas com que os pelotiqueiros fazem suas magicas, passão de mão em mão.

Os titteratos entre nós são umas massas folhadas que fazem muito barulho e occupão muito lugar, e no entanto pesão bem pouco.

O *coração* de uma menina de dez annos é um quaderno em branco.

O de uma moça de vinte annos é um livro escripto regularmente.

O de uma mulher de trinta annos é um livro em que por falta de espaço começa-se a escrever nas entrelinhas.

O de uma mulher velha de quarenta annos é um livro desfolhado que só serve para embrulho.

O de uma velha de cincoenta ou mais annos é um documento historico. — O *coração humano* é um *cahos*, para o qual ainda não houve o *fiat lux*.

Os partidos potilicos são como as amendoas, tem diversos nomes e diversas côres, mas o gosto é sempre o mesmo.

A *virtude* de uma mulher é como crystal que, uma vez quebrado nunca mais tine por melhor que o liguem.

O *estado matrimoniat* seria o paraizo na terra, se não houvesse sogra.

O *nariz grande vermetho* de uma mulher, um ferro em brasa que afugenta os melhores desejos de um homem.

Moça pobre que quer casar é um anzol sem isca.



SAUDADES

Saudades — dos meus amores
Saudades — de minha terra.

CASIMIRO D'ABREU

Nas horas tristonhas das tardes d'estio
Nas horas que lèdo se ouve o soar
Do sino d'aldêa batendo a trindade :
 Calado, sósinho,
 Eu tenho saudade
 De tudo qu'è meo.

E quando á tardinha o céu s'escurece,
E a terra s'envolve em manto de trevas,
E o céu marchetado d'estrellas, formoso,
 Se mostra brilhante :
 Meu peito extremoso
 Parece finar-se.

E o astro da noite s'eleva no céu
Lançando na terra seus raios de prata.
E a luz bemfaseja da lua, formosa,
 Reflecte em minh'alma
 Paixão extremosa
 De meiga saudade.

E quando no ramo da linda romeira
Eu ouço tristonha a voz da rolinha :
Eu sinto no peito saudades da terra,
 Do campo das flôres,
 Do cume da serra,
 De tudo qu'è meo.

Em triste pensar minh'alma s'enleva
 Nesta hora de dôres, d'amargo penar !
 E tenha saudades da terra d'amores.

Dos prados mimosos
 Dos puros olôres
 Qu'as flôres exalam !

E quando na praia eu ouço o rolar
 Das ondas cadentes na areia batendo :
 Eu tenho saudades de tudo qu'è meo.

De tudo que adoro
 Na terra, no céu !
 De tudo—saudades !

JULES MONTEMARTIN.

2 de Novembro de 1861.

CHRONICA

Disia o nosso poeta Proença que o chronista representava no mundo o mesmo papel que um broche de gosto no toilette elegante de uma moça de 16 annos, espirituosa e intelligente. Sou da opinião d'elle, e por isso é já uma doença *chronica*, o susto que se apodera de mim, quando me pedem a *chronica*. E o mais é que eu prometti escrevê-la, e não sei nem gosto de faltar ao que prometto : de um sorriso seu, interessante leitora, depende portanto a minha tranquillidade : negal-o ha ao pobre chronista?... quem sabe!

Apenas encontro novidades no mundo theatral : eil-as em resumo.

S. Pedro abriu as suas portas no dia 25 em beneficio de um orphão, com o drama em verso, original de Cesar de Lacerda — *Hider-Aty*, a cuja representação pouca gente affluia.

No desempenho o Sr. Florindo trabalhou muito bem. O sr. Lisboa não sabia o papel, o que se tomava notavel apesar mesmo da facilidade com que pôde passar desapercibida essa falta no 3º e 4º acto. A Sra. D. Leonor trabalhou com a graça e perfeição que lhe conhecemos, em quasi todos os seus papeis.

O beneficio da Snra D. Clotilde passado para 26, effectuou-se a 25 com *A Fitha do Lavrador* e os *Ovos de Ouro*. Nada digo a respeito do desempenho por que não pude ir assistir ao espectáculo.

O Sr Leal deu aos seus convidados uma noite agradável a 26, no theatro de Santa Thereza. Representava-se o drama — *Virtude e Vicio* — que tanto agradára ao publico nitheroyense. A casa estava completamente cheia, e no final de cada acto lia-se no semblante de todos os espectadores a satisfação pelo bello enredo de drama, e o prazer pelo bom desempenho, que realmente excedeu á nossa expectativa. Coube ao Sr. Florindo o papel de Claudio e á Sra. D. Ricciolini o de Thereza, que foi reproduzido com toda a fidelidade e expressão: esta actriz comprehendendo papel, apoderou-se da acção e disse-o ao publico com verdade que agradaria, inda quando fosse um papel de menos valor.

A Sra. D. Leonor deixou de o ser para se identificar no papel de Emilia: na scena do 4º acto, confessou com tanta ingenuidade e seducção o... *sou eu que o amo*, que parecia sentir o que dizia. O Sr. Leal trabalhou muito bem: esteve bello no 2º acto, ao fazer sahir Jorge de cada de

seus protectores e no 4º acto, ao reconhecer seu pai : comprehendeu perfeitamente, que é a recordação de uma mãe e fez rebentar as lagrimas nos olhos puros de muitas donzellas a recordal-a na expressão intima e meiga com que o Sr. Montenegro a traçou. Chamado á scena a final, pôde reconhecer nos applausos que recebeu e nas poesias que lhe offetaram, o resultado dos seus esforços e o quanto pôde fazer na arte... se estudar.

No dia 30 pôde alfin effectuar-se o beneficio da actriz D. Antonina, com a primeira representação do drama — *Os Tafues de Paris* — e da comedia, original portuguez — *Por causa de um par de botas* — A beneficiada foi recebida com agrado pelo publico e por diversas vezes applaudida em differentes situações artisticas que executou, não com maestria, mas muito regularmente.

Do estudo e do vontade tem esta actriz tirado já largo proveito ; e hoje que o peor está passado, não deve desanimar : se no estudo encontrar espinhos, suavizál-os-hia e muito a sympathia do publico e o progresso na arte.

São conselhos de quem nada sabe ; mas de quem tudo deseja.

Antes de hontem, 3, teve lugar o beneficio do artista Martinho, que, segundo elle diz, deixa a carreira dramatica. Representou-se o drama — *O Segredo dos Cavalheiros* — dando fim ao espectáculo tres arias das que o publico costumava ouvir em quasi todas as noites de recitas ordinarias e extraordinarias.

Notei a indifferença do publico que o vio entrar em scena, sem lhe dar um applauso sequer, nem ao menos os seus predilectos. Que quereriam significar com isto ?... eu, não sei.

Em nome da redacção tenho um dever a cumprir : tributar sincero reconhecimento a' douta e mto illustrada redacção do *Jornal do Commercio*, que tanto protegeu este pobre album com a sua valiosa recommendação. Procuraremos, quanto em nossas forças caiba, não desmerecer do favor dos nossos assignantes, e de quem tão bem sabe animar uma empresa nascente, recommendando-a á protecção do publico.

Ao *Constitucional* devemos o mesmo obsequio ; para a sua attenciosa redacção, todo o nosso reconhecimento.

Tenho uma divida a cumprir e que não pago hoje: a apreciação da *Lusbeta* que agora sobe á scena no Gymnasio. Prometto cumpril-a. Até Domingo.

JOSE LILLO.

De novo offerecemos as nossas paginas a todos os jovens estudiosos que nos quizerem honrar com a sua coadjuvação, devendo remetter os originaes em cartafechada á rua dos Latoeiros n. 34, onde igualmente devem ser remettidos todos os avisos, reclamações e se recebem assignaturas a 3\$000 por trimestre.